
La Comédiathèque
UM
BOULEVARD
SEM SAÍDA
Jean-Pierre Martinez
comediatheque.net

Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente. Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização: https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/

Um Boulevard Sem Saída

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Fernando e Maria Branco querem casar a filha Clara com Gonçalo da Serra, filho da presidente da câmara, que conta ser reeleita. Mas, entre ambições, segredos de família e um boulevard que não leva a lado nenhum, esta comédia parece não ter saída...

Personagens:

Fernando Branco

Maria Branco

Clara Branco

Alexandra (ou Alexandre) da Serra

Gonçalo da Serra

Inspetor (ou Inspetora) Colomo

Distribuições possíveis:
4H/2M, 3H/3M, 2H/4M

© La Comédiathèque

Numa pequena vila, a sala de estar de uma casa abastada. Clara, uma jovem na casa dos vinte anos, entra de pijama. Deixa-se cair no sofá e liga a televisão com o comando. Vai mudando de canal até chegar a um noticiário sobre a subida do nível do mar devido ao aquecimento global. Entra a mãe, Maria, com ar de quem anuncia uma catástrofe.

Maria – É uma catástrofe!

Clara tira o som à televisão.

Clara – O quê? O aquecimento global?

Maria – Por enquanto, quem está a subir é a água da nossa sanita! Já transbordou para o corredor. Não reparaste?

Clara – Não...

Maria – A este ritmo, vamos precisar de uma gôndola para andar pela casa!

Clara – Sempre te fará lembrar a lua de mel.

Maria – Pois... O teu pai levou-me para um hotelzinho numa terra perdida. E já nessa altura havia uma fuga na torneira.

Clara – O pai?

Maria – Está fechado no escritório com a urologista.

Clara – Sabes muito bem que, quando se fecha no escritório com a urologista, não devemos incomodá-lo. Mas eu julgava que vocês tinham passado a lua de mel em Veneza...

Maria – Isso é o que o teu pai conta. Segundo ele, também me casei de branco e pela igreja.

Clara – Não é verdade?

Maria – A verdade, minha querida, é que o teu pai me pôs grávida e depois... Enfim, lá vou eu ter de tratar disto sozinha outra vez.

Clara – Reparar a fuga?

Maria – Chamar o canalizador!

Maria sai.

Clara *(para o público, com um sorriso enternecido)* – A primeira coisa em que penso quando me lembro dos meus pais é... *(O sorriso desaparece.)* Como é possível serem tão estúpidos?

Volta a ligar o som da televisão. Toca o telemóvel. Clara tira o som e atende.

Clara – Secretaria da Frente Nacional de Esquerda, estou? Ah, Sabrina, és tu. Sim, não te preocupes, já imprimi os folhetos... Está bem, os panfletos, se preferires. Sabes alguma coisa do Karim? É o nosso cabeça de lista para as eleições locais. Deixei-lhe várias mensagens, mas... *(Fica lívida.)* Não... Não pode ser... Ele também? Como aconteceu? Que horror...

Maria volta.

Maria – Pronto, já telefonei. Mandam cá alguém dentro de uma hora.

Clara – Desculpa, ligo-te depois...

Clara guarda o telemóvel.

Maria – Que foi? Estás com má cara.

Clara – Era a Sabrina. O Karim morreu esta noite num acidente de carro.

Maria – Que susto me pregaste! Pensei que estivesses outra vez grávida, ou coisa pior.

Clara – Era um amigo muito próximo, mãe.

Maria – Sempre achei que não era um rapaz para ti.

Clara – E porquê?

Maria – Para começar, era mais baixo do que tu! Imagina uma vida inteira sem poderes usar saltos altos!

Clara – Pois... E, sobretudo, o pai dele é empregado da recolha do lixo.

Maria – E também não era grande frequentador da igreja, se queres saber... Não devias ir vestir-te?

Clara – Para quê?

Maria – Para receberes o filho da presidente da câmara!

Clara – Desculpa, esqueci-me. Mas, depois desta notícia, não estou propriamente com disposição.

Maria – Vê o lado positivo: agora já não tens namorado. Estás livre que nem um passarinho!

Clara – Gonçalo da Serra... E o que vem ele cá fazer? Mal o conheço.

Maria – Estiveram juntos na escola, não te lembras?

Clara – Sim, sim.

Maria – Eu nem o reconheceria se passasse por ele na rua. Acabou de regressar do estrangeiro, onde estudou.

Clara – Ah, então deve ter mudado bastante.

Maria – Já não conhece ninguém por cá. Pensei que... É de uma excelente família. Os da Serra são gente importante nesta vila.

Clara – Ah, sim? Importante em quê?

Maria – Mais importante do que os teus amigos, de certeza. Chega a qualquer momento. E não vais recebê-lo nesses preparos!

Clara – Está bem, mãe, vou-me vestir.

Clara sai. Maria suspira.

Maria *(para o público)* – Os filhos... Sabem como é. Felizmente, estamos cá nós para lhes assegurar o futuro... O Karim... Se eu não lhe tivesse sabotado os travões do carro antes que ele engravidasse a minha filha... *(Em tom confidencial.)* Acreditem: eliminar pretendentes indesejáveis continua a ser o método contracetivo mais eficaz. E, que eu saiba, ainda não foi proibido pela Igreja.

Fernando entra, a abotoar as calças.

Fernando – Olá, querida.

Maria – Ah, Fernando, já chamei alguém por causa daquela fuga.

Fernando – Que atenciosa, querida, mas não era preciso. A minha urologista acabou de me examinar.

Maria – Estava a falar da fuga na casa de banho.

Fernando – Ah, sim...

Maria – Tens a certeza de que essa mulher é urologista?

Fernando – Porque me perguntas isso?

Maria – Não há assim tantas urologistas. E, para ser franca, parece-me mais uma massagista, não achas?

Fernando – Também pratica medicina alternativa.

Maria – Ah, é por isso que anda de roupão... Seja como for, já telefonei.

Fernando – A quem?

Maria – Ao canalizador!

Fernando – Ah, sim...

O telemóvel de Maria toca.

Maria – Espero que não seja o canalizador a desmarcar-se. Estou? Senhora da Serra! Que alegria ouvi-la! Mas é um prazer, claro. O Gonçalo? Sim, estamos à espera dele. Venha também tomar chá! Se a campanha eleitoral lhe deixar tempo, evidentemente... Muito bem. Então, um café. Até já, senhora da Serra. Claro, Alexandra... *(Desliga.)* Era a senhora da Serra. Insiste que a trate por Alexandra. Vem tomar café.

Fernando – Excelente ideia, Maria. Numa vila como a nossa, convém manter boas relações com a presidente da câmara. A Clara já se levantou? Eu sei que está de férias, mas... Como dizia a minha mãe: as manhãs são para quem se levanta antes do meio-dia!

Maria – Já a mandei vestir-se. O filho da presidente da câmara deve estar a chegar. Convidei-o para vir brincar com a Clara.

Fernando – Gonçalo, sim. Quantos anos terá agora?

Maria – Uns 25.

Fernando – Ah, sim, claro... Deve ter mudado bastante desde os tempos da escola.

Maria – Espero que o canalizador chegue antes dele.

Fernando – Ou que o nosso pequeno Gonçalo não precise de ir à casa de banho...

Maria – Temos de admitir que seria um bom casamento, não achas?

Fernando – Aqui, o apelido da Serra ainda quer dizer alguma coisa.

Maria – Afinal, é o filho da presidente da câmara.

Fernando – Por enquanto, pelo menos. Estamos em plena campanha eleitoral.

Maria – Os da Serra governam esta vila há gerações.

Fernando – E os Branco fabricam cachimbos desde 1824.

Maria – Não vejo por que razão haveria de mudar.

Fernando – Além disso, o programa eleitoral da presidente tem o mérito de ser muito claro. Olha.

Mostra-lhe um panfleto eleitoral, que Maria lê.

Maria – «Vote da Serra». E é tudo?

Fernando – Não te parece convincente?

Maria – «Vote da Serra»... A verdade é que soa bem.

Fernando – Sempre soa melhor do que «Vote Branco». Ainda pensavam que eu estava a pedir o voto em branco. Foi por isso que acabei por não me candidatar.

Maria – Um dia, será o Gonçalo a herdar o lugar da mãe na câmara.

Fernando – E, se a Clara casar com ele, ainda acaba por ser a mulher do presidente da câmara.

Maria – Sabes o que me disse o talhante?

Fernando – O quê?

Maria – O talhante contou-me que, desde que voltou do estrangeiro, o filho se tornou vegetariano.

Fernando – O filho do talhante é vegetariano?

Maria – O filho da presidente!

Fernando – Não pode ser.

Maria – Pelos vistos, agora chama-se «vegano».

Fernando – Vegano... Parece o nome de uma seita. Ou de uma civilização extraterrestre...

Maria – Ainda em pequeno fazia teatro... E a mãe é muito devota. Deve ser um desgosto para ela.

Fernando – Por ele fazer teatro?

Maria – Por ser vegano!

Fernando – Desde que não seja terrorista ou homossexual.

Maria – Ou ambas as coisas ao mesmo tempo.

Fernando – Achas que se pode ser terrorista e homossexual ao mesmo tempo?

Maria – Não sei, nunca tinha pensado nisso. Não, com certeza que não.

Fernando – Terrorista e vegetariano?

Ouvem-se obras na rua, com o ruído de um martelo pneumático.

Maria – Que barulho é esse?

Fernando – São as obras do novo boulevard. Devo ter deixado uma janela aberta...

Sai por um momento.

Maria – Um boulevard? Nesta vila? É extraordinário!

O barulho cessa. Fernando volta com um quadro.

Fernando – Um boulevard, imagina! Aqui, na nossa vila!

Maria – Assim, ninguém poderá voltar a dizer que vivemos numa simples aldeia.

Fernando – Claro. Conheces alguma aldeia com um boulevard?

Maria – E tudo graças à presidente da câmara. Vai ficar para a história.

Fernando – Sobretudo se o boulevard ficar com o nome dela.

Maria – Boulevard da Serra?

Fernando – Porque é que o construiriam, se não fosse para isso?

Maria – Imagina que a Clara se casava com um da Serra... Passava a chamar-se Clara da Serra!

Fernando – Tens razão...

Maria – E também ela teria um boulevard com o seu nome!

Fernando – É a nossa última oportunidade de entrar para a história, Maria. Por casamento.

Maria – Porque um Boulevard Branco ainda vai demorar a aparecer...

Fernando – Não vejo por que motivo haveriam de dar a um boulevard o nome de alguém que passou a vida a fabricar cachimbos.

Maria – A menos que morra heroicamente em serviço.

Fernando – E pensar que a minha pobre mãe não poderá assistir ao casamento da neta...

Maria – Pois é... Que Deus a tenha.

Fernando – E nem sequer temos a certeza de que morreu. Nunca encontraram o corpo.

Maria – Àquela idade já não estava bem da cabeça. Deve ter caído ao rio e afogado-se.

Fernando – Mesmo assim... Ninguém desaparece assim sem mais nem menos. E aquele rio é tão pequeno que teriam encontrado o cadáver.

Maria – Ou talvez tenha fugido de casa...

Fernando – Fugido de casa? Aos noventa e dois anos?

Maria – Não sei, talvez tenha conhecido alguém...

Fernando – Tudo isto não faz sentido... A propósito, tenho algo para te mostrar.

Mostra-lhe uma reprodução de «A Traição das Imagens», de Magritte: um cachimbo acompanhado da inscrição «Isto não é um cachimbo».

Maria – O que é isto?

Fernando – Isto não é um cachimbo.

Maria – Mas parece mesmo um...

Fernando – Sim... É desconcertante, não achas? Quero dizer, dá que pensar.

Maria – Pensar? Sobre o quê?

Ele observa o quadro, pensativo, enquanto ela o olha com certa inquietação.

Fernando – Em muita coisa, Maria! Já reparaste que, quando vês uma coisa pela segunda vez, ela faz menos sentido do que da primeira?

Maria – Menos sentido?

Fernando – Da terceira vez, menos ainda. E assim sucessivamente, até deixar de fazer sentido.

Maria – Agora que falas nisso... Vejo-te todos os dias há mais de trinta anos e cada vez fazes menos sentido.

Fernando – Passei a vida a fabricar cachimbos, Maria... Quilómetros e quilómetros de cachimbos. Mas será que fiz alguma coisa com verdadeiro sentido?

Maria – Não há nada como levar um bom cachimbo à boca para descontrair depois de um dia de trabalho.

Fernando – Nunca pensei ouvir-te dizer uma coisa dessas, Maria.

Maria – Estava a falar de fumar, Fernando. De fumar um cachimbo.

Fernando – Ah... Claro.

Maria – Se queres dar um sentido à tua vida, faz um donativo a uma instituição de solidariedade. Ao menos, ainda descontamos nos impostos.

Fernando – Estava a pensar em algo mais radical. Quero deixar uma marca, percebes?

Maria – Mais radical? Estás a assustar-me, Fernando. Não estarás a pensar fazer-te explodir, pois não?

Fernando – Explodir-me?

Maria – Um atentado suicida, ou uma loucura dessas!

Fernando – Para começar, decidi mudar de vida. Vou deixar isto tudo, Maria. Já nada faz sentido para mim. Vou vender...

Maria – Vender? A empresa de família? A Casa dos Cachimbos? O orgulho da nossa terra?

Fernando – Agora aspiro a outras coisas, entendes? No ocaso da minha miserável existência, quero fazer algo inesquecível. Quero que, mesmo depois de morto, o mundo se lembre do meu nome: Fernando Branco.

Maria – E o que vais fazer?

Fernando – Vou escrever as minhas memórias.

Maria – Estás louco!

Fernando – Percebo que não estás propriamente entusiasmada com esta nobre ideia.

Maria – Entusiasmada? Preferia que te fizesses explodir!

Fernando – Ainda não decidi vender A Casa dos Cachimbos. Podes ficar descansada.

Maria – Pois claro que não! Primeiro tens de passar por cima do meu cadáver!

Fernando parece hesitar perante a ideia.

Fernando – E quanto a este quadro... Podíamos pendurá-lo ali, na parede do fundo. O que achas?

Maria – Na parede do fundo? Mas a Alexandra da Serra vem cá tomar café daqui a pouco!

Toca a campainha.

Fernando – Não será ela já, pois não?

Maria – Vou abrir. Esconde imediatamente essa coisa horrível.

Sai. Fernando observa novamente o quadro.

Fernando *(para si)* – Quanto mais vemos as coisas, menos sentido fazem... *(Para o público.)* A minha mulher, pelo contrário, quanto mais a vejo, mais vontade tenho de a matar. Devia ter dado ouvidos à minha mãe... E, por alguma razão, não consigo afastar a ideia de que a Maria teve alguma coisa a ver com o desaparecimento dela...

Fernando sai com o quadro. Maria regressa com Gonçalo, que traz umas jardineiras algo infantis ou femininas, mas que, aos olhos distraídos de Maria, também podem parecer roupa de trabalho.

Maria – Obrigada por ter vindo tão depressa. Entre, faça favor. O problema é na casa de banho.

Gonçalo – Na casa de banho?

Maria – Sempre que puxamos o autoclismo, parece que temos ali as cataratas do Niágara. Mas não trouxe as ferramentas?

Gonçalo – Bem... É que não sabia que me chamava para...

Maria – Não me parece muito desembaraçado, meu rapaz. Está a aprender o ofício? Entrou na empresa pelo contingente para pessoas com deficiência?

Gonçalo – Não...

Maria – Não me diga que está num programa de reinserção... Acabou de sair da prisão? Matou alguém?

Gonçalo – Ainda não...

Maria – Bem, não tenho alternativa. Estou à espera de visitas... Pode começar por levantar a tampa e ver o que se passa.

Gonçalo – A tampa?

Maria – A tampa da sanita, meu rapaz! Mas o que é que lhe ensinaram na escola?

Gonçalo – Peço desculpa, mas não tirei a cadeira de canalização na universidade.

Maria *(distraída)* – O meu marido deve ter uma chave inglesa algures. Acompanha-me?

Gonçalo – Estou a tentar...

Maria sai, seguida de Gonçalo. Clara regressa, agora vestida de forma bastante atraente.

Clara – Pareceu-me ouvir a campainha... Pensei que fosse o Gonçalo. Acabou de me mandar uma mensagem a pedir a morada. Mãe!

Sai. Gonçalo regressa com uma caixa de ferramentas e cruza-se com Fernando.

Fernando – Ah, já cá está...

Gonçalo – Bem, eu...

Fernando – Mas essa é a minha caixa de ferramentas!

Gonçalo – É que a sua esposa...

Fernando – A minha mãe dizia sempre: um bom profissional nunca anda sem as ferramentas.

Gonçalo – Sim, mas...

Fernando – Então, canalizador, como vai o negócio?

Gonçalo – Pois... Bastante tranquilo.

Fernando – Tranquilo? Tirando as obras aqui em frente... E eu, que preciso de sossego para escrever!

Gonçalo – Que obras?

Fernando – O novo boulevard! Já agora, sabe onde vai dar?

Gonçalo – Bem... Não faço ideia.

Fernando – Para uma vila como a nossa, até é bom ter um verdadeiro boulevard. Só me pergunto se aquela mulher não o mandou construir apenas para lhe dar o seu próprio nome.

Gonçalo – A senhora presidente da câmara nunca seria capaz de...

Fernando – Enfim, é preferível ter o nome numa placa de rua do que num monumento aos mortos, não acha?

Gonçalo – Sem dúvida... Já agora, pode dizer-me onde fica a casa de banho? É que a sua mulher...

Fernando – Eu também gostaria de deixar uma marca no mundo. Mas, como não tenho a sorte de ter um apelido aristocrático... Imagine que estou a escrever um livro.

Gonçalo – A sério?

Fernando – Gostava de ler o primeiro capítulo?

Gonçalo – Bem, por que não? Embora...

Fernando – Quero dizer, se agradar a um canalizador, talvez venha a ser um sucesso popular, não acha?

Gonçalo – Sim, suponho... Embora dependa do tema...

Fernando – São... as minhas reflexões sobre o mundo de hoje.

Gonçalo – Ah, claro...

Fernando – Por exemplo, jovem amigo, descobri uma verdade que poucos conhecem.

Gonçalo – Estou curioso para ouvi-la...

Fernando – Os políticos, tanto à esquerda como à direita, estão sempre a falar do povo. O povo quer isto, o povo não quer aquilo... Mas afinal, quem é esse povo?

Gonçalo – Sim... O que é?

Fernando – Meu pobre rapaz, o povo não existe!

Gonçalo – Não?

Fernando – O povo somos nós. Eu e o senhor.

Gonçalo – Claro...

Fernando – O povo não passa de todos os idiotas que vemos na rua. E nas estradas, ao volante.

Gonçalo – A sério?

Fernando – Já me cruzei com muita gente nesta vida. Vi imensos idiotas, mas nunca me encontrei com «o povo». É esta experiência que quero transmitir aos meus leitores, percebe?

Gonçalo – Bem, quer dizer...

Fernando – Cheguei a uma idade em que sinto o dever de passar às novas gerações aquilo que a vida me ensinou. Partilhar a minha experiência, percebe?

Clara entra e vê Gonçalo.

Clara – Gonçalo? Mas o que fazes com essa caixa de ferramentas?

Gonçalo – Não tenho bem a certeza... É que a tua mãe...

Fernando – Gonçalo? Tu conheces este rapaz, Clara?

Maria entra.

Maria – Gonçalo, peço-lhe imensa desculpa! Confundi-o com o canalizador... Devem ter sido essas jardineiras. A Clara acabou de me dizer...

Gonçalo – Não faz mal. Quer que vá na mesma dar uma vista de olhos à sanita?

Maria – Nem pensar! Fernando, por amor de Deus, vai guardar essa caixa de ferramentas!

Fernando – Já vou... E pense no que lhe disse, rapaz.

Fernando sai com a caixa de ferramentas.

Maria – Lamento este mal-entendido. Quer beber alguma coisa, Gonçalo? Sumo de laranja? Limonada?

Gonçalo – Não, muito obrigado.

Maria – Nesse caso, meus queridos, vou deixar-vos à vontade. Devem ter tanto para contar um ao outro... Desde os tempos da escola...

Gonçalo – Sim, já lá vão quase quinze anos, não é?

Maria – Deixo-vos...

Maria sai. Silêncio incómodo.

Gonçalo – Desculpa, foi a minha mãe que insistiu para que eu viesse.

Clara – A última vez que te vi, estavas de vestido.

Gonçalo – Ah, sim?

Clara – Foi na festa de fim de ano da escola. Fizemos o Romeu e Julieta, mas faltavam raparigas e fizeste tu de Julieta. Continuaste?

Gonçalo – Não, como vês. A minha mãe queria ver-me de batina, mas eu acabei de jardineiras. É preciso saber fazer concessões...

Clara – Referia-me ao teatro...

Gonçalo – Não, também deixei o teatro. Por agora...

Clara – E foste tirar um mestrado em Gestão no estrangeiro.

Gonçalo – Era o que a minha mãe queria... Já ficou suficientemente desiludida por eu não ter entrado no seminário. E tu?

Clara – Estou inscrita em Direito. Mas, na verdade, estou a preparar uma revolução anticapitalista e ecologista.

Gonçalo – Ah, isso também é bom.

Maria entra com uma bandeja com dois copos, uma garrafa e um prato.

Maria – Trouxe-vos um bocadinho de enchido para petiscarem. Como o Gonçalo esteve tanto tempo fora, deve ter saudades destas coisas.

Gonçalo – De facto...

Maria *(com um ar cúmplice)* – Vou deixar-vos...

Novo silêncio incómodo.

Clara – Desculpa lá a minha mãe.

Gonçalo – Não, não, foi muito simpático da parte dela.

Clara – Vá, serve-te. Come um bocadinho de enchido.

Gonçalo – Obrigado, mas... sou vegano.

Clara olha para ele de olhos arregalados.

Clara – És gay?

Gonçalo – Também há veganos heterossexuais.

Clara – Não os que vão de vestido para o teatro, estudam no estrangeiro e regressam de jardineiras.

Gonçalo – É por isso que fiquei sem perceber quando a tua mãe insistiu tanto em que viesse fazer-te a corte.

Clara – São ainda mais parvos do que eu pensava.

Gonçalo – Bem, então, o que fazemos?

Clara – Em todo o caso, parece que não vamos ficar noivos já, como a minha mãe sonhava. E ainda bem para ti, porque os meus namorados andam todos a ter mortes violentas. Só este mês perdi quatro: Djamel, Kevin, Carlos e agora Karim...

Gonçalo – Parece uma seleção de futebol! E de que morreram esses quatro reforços?

Clara – Envenenamento, eletrocussão, acidente de carro, picada de escorpião... Começo a achar que sou uma mulher fatal.

Gonçalo – Mais uma razão para não me aproximar demasiado. Mas fico mais um bocado. A tua mãe não ia perceber se me fosse já embora.

Clara – Vamos para o meu quarto jogar qualquer coisa. Xadrez, Monopólio, jogo da glória... Preferes algum?

Gonçalo – Tens Scrabble?

Ambos saem. Maria entra.

Maria – Já foram para o quarto... É um bom começo. Imagino que, na família da Serra, quando um rapaz engravida uma rapariga, ao menos tem a decência de casar com ela...

Toca a campainha.

Maria – Desta vez deve ser o canalizador. Eu vou...

Maria sai e regressa com o inspetor Colomo, que traz uma mala com pega.

Maria – Venha por aqui... Mostro-lhe onde fica a casa de banho?

Colomo – A casa de banho? Talvez mais tarde... Inspetor Colomo, da polícia criminal.

Maria – Inspetor?

Colomo – Gostaria de lhe fazer algumas perguntas relacionadas com uma investigação...

Maria – Peço imensa desculpa, inspetor. Confundi-o com o canalizador... Deve ter sido por causa da mala. Posso oferecer-lhe um café?

Colomo – Obrigado, mas nunca bebo café em serviço. Se tiver uísque, isso já é outra conversa...

Maria – Um uísque? Com certeza.

Colomo – Sem gelo, se faz favor.

Maria – Trago já, Inspetor.

Maria sai. O Inspetor aproveita para observar a sala com suspeita.

Colomo – Esta sala de estar de classe média não me inspira confiança nenhuma. Desconfio sempre da classe média. Segundo as estatísticas, há mais assassinos em série nesta gente do que entre os milionários ou as pessoas que vivem de apoios sociais. Parece que matar por prazer é um passatempo para quem já tem dinheiro e tempo livre, mas não o suficiente para saber o que fazer com eles. Enfim, vejamos o uísque...

Maria regressa com um copo e entrega-o.

Maria – Aqui tem, inspetor Colombo. Sem gelo.

Colomo – Colomo.

Maria – Perdão?

Colomo – Colomo, sem «b». Inspetor Colomo.

Maria – Ai, desculpe.

Colomo – Obrigado.

Bebe o copo de um só trago e faz uma careta de desgosto.

Maria – Quer que traga outro, Inspetor?

Colomo – Não, obrigado. Afinal, acho que devia ter pedido café. O café é bom?

Maria – Em que posso ajudá-lo, Inspetor?

Colomo – É um assunto delicado... Trata-se de um crime, minha senhora.

Maria – Já sabe do Karim?

Colomo – Karim? Não... Quem é Karim?

Maria – Era um amigo da minha filha. Morreu esta noite. Desculpe, já misturo tudo...

Colomo – E isso tem alguma coisa a ver com a investigação?

Maria – Espero bem que não. Mas, afinal, quem morreu, inspetor?

Fernando entra e ouve as últimas palavras.

Fernando – Alguém morreu?

Colomo – Exatamente, caro senhor. Ou melhor, faleceu, como dizemos na nossa linguagem policial.

Fernando – E qual é a diferença?

Colomo – «Faleceu» é mais definitivo do que «morreu». Mais oficial, pelo menos.

Maria – Poderia ser mais específico, Inspetor?

Colomo – Quando escavavam os alicerces do novo boulevard, os operários encontraram um cadáver.

Maria – Um cadáver! Ai, meu Deus...

Colomo – Ou, para ser rigoroso... um corpo.

Fernando – Um corpo? Um corpo morto, suponho?

Maria – Um cadáver, claro.

Colomo – É um pouco mais complicado do que isso, na verdade.

Maria – Mas, afinal, do que está a falar, Inspetor?

Colomo – Estou a falar do vazio que uma pessoa deixa quando desaparece.

Fernando – Sei muito bem do que fala. A minha mãe desapareceu há uns anos e deixou um enorme vazio.

Maria – Encontraram um cadáver, sim ou não?

Colomo – Mais exatamente, encontrámos uma marca.

Fernando – Uma marca? Nos alicerces?

Maria – E deduzir que é a marca de um morto?

Fernando – Não faz sentido!

Colomo – Uma marca bastante grande, neste caso. Parece ser de uma mulher. Uma mulher corpulenta, para ser mais exato.

Maria – E o que o faz pensar que se trata de um crime?

Colomo – Pela minha experiência, as pessoas raramente se suicidam deixando-se ficar dentro de um bloco de betão com uma chave de fendas espetada entre as omoplatas.

Fernando – Um cadáver dentro de betão, aqui na nossa vila! Onde é que vamos parar, inspetor? Isto não é um filme de gangsters!

Maria – Até agora, era uma vila tranquila.

Fernando – Pergunto-me se realmente é uma boa ideia construir um boulevard aqui.

Maria – E qual é a identidade da vítima, Inspetor?

Colomo – A polícia científica está a investigar, mas ainda não identificámos a vítima. É precisamente por isso que aqui estou.

Maria – A sério?

Um silêncio.

Colomo – Quando viu a sua mãe pela última vez, senhor Branco?

Fernando – Desapareceu há uns anos.

Maria – No Dia da Mãe, mais precisamente. O meu marido já tinha comprado um ramo de flores e acabou por mo oferecer a mim. Foi o único que me deu em toda a vida.

Fernando – Nunca encontraram o corpo. Pensámos que podia ter sido um acidente. Talvez um afogamento...

Maria – Ou uma fuga voluntária.

Fernando – Quer dizer que encontraram a minha mãe dentro de um bloco de betão, com uma chave de fendas espetada nas costas?

Colomo – É difícil dizer por enquanto... Mas permita-me fazer-lhe uma pergunta.

Maria – Estamos totalmente dispostos a colaborar com a polícia, Inspetor.

Fernando – Na nossa família, colaborar com as autoridades sempre foi considerado um dever sagrado. Mesmo nos períodos mais turbulentos.

Colomo – Além da sua mãe, não terá desaparecido também alguma chave de fendas da sua caixa de ferramentas?

Fernando – Depende. Era uma chave de estrela?

Colomo – Afirmativo.

Fernando – Pois é. Quando guardei a caixa de ferramentas que a minha mulher dera ao suposto canalizador — que afinal era o filho da presidente da câmara —, reparei que faltava uma. Precisamente uma de estrela.

Colomo – Então receio que essa chave de estrela tenha sido a extrema-unção da sua mãe.

Maria – Ai, meu Deus, que horror! Que terrível! Coitada da minha sogra...

Colomo – Alguém na sua família tinha motivos para desejar a morte da sua sogra, senhora Branco?

Maria – Sabe, inspetor, somos uma família como qualquer outra. Nesta casa, todos queremos matar alguém pelo menos uma vez por dia. Portanto, uma sogra... Imagine!

Fernando – Têm um retrato-robô da vítima?

Colomo – Tenho algo muito melhor, acredite...

O inspetor abre a mala e tira um busto com uma chave de fendas espetada nas costas.

Maria – O que é isso?

Colomo – Um molde.

Fernando – Um molde?

Colomo – Ou melhor, um molde em gesso. Na nossa gíria policial, chamamos-lhe uma reprodução.

Fernando – Uma reprodução?

Colomo – Preenchemos o vazio que a sua mãe deixou ao partir. Claro, se se tratar realmente dela...

Fernando – Como os moldes de Pompeia?

Colomo – Só que aqui, em vez de lava, foi betão que cobriu o corpo antes de ele se mamificar.

Maria – Quer dizer «mumificar», não é?

Colomo – Os peritos limitaram-se a encher o molde com gesso. Claro que esta é uma versão reduzida.

Maria – Seja como for, parabéns! Ficou muito bem. Não achas, Fernando?

Colomo – Este busto... Faz-lhe lembrar alguém da família?

Fernando – É difícil dizer. Nunca tinha visto um busto da minha mãe.

Colomo – Não os quero pressionar. Compreendo que estejam abalados. Pensem com calma. Se se lembrarem de alguma coisa...

Maria – Quer dizer que... nos vai deixar com esta coisa horrível?

Colomo – Não se preocupem, não é uma peça única. Fizemos vários exemplares para a investigação.

Fernando – Se for mesmo a mamã, pelo menos teremos uma recordação dela, não achas, querida?

Colomo – Não precisam de me acompanhar, conheço o caminho.

O inspetor sai pelo lado oposto àquele por onde entrou. Fernando e Maria observam o busto, perplexos.

Fernando – Parece-se muito com a minha mãe, não achas?

Maria – Achas?

Fernando – Viste? É impressionante! Parece que nos está a olhar e quer dizer-nos algo.

O inspetor volta a entrar pela porta por onde acabara de sair.

Colomo – Desculpem, acho que a saída é do outro lado... Aliás, descobri uma coisa que talvez vos interesse.

Fernando – Sim?

Colomo – Têm uma fuga de água na casa de banho.

Colomo sai.

Fernando – Há algo... no nariz... Não achas?

Maria – Sim, talvez...

Fernando – É incrível... Parece que está a olhar para ti.

Toca a campainha.

Maria – Espero que desta vez seja o canalizador.

Maria sai para abrir a porta.

Fernando coloca o busto num móvel, bem visível, e observa-o.

Fernando – Mamã, queres dizer-me algo?

Maria entra com Alexandra da Serra (nesta distribuição, é uma mulher; noutra, poderá ser Alexandre).

Maria – Fernando! A senhora da Serra está aqui.

Fernando – Senhora presidente! Não a esperávamos tão cedo.

Alex – Desculpem a visita de fugida, mas tenho vários compromissos esta tarde. Como estava a visitar as obras do boulevard, aproveitei para passar e cumprimentar-vos.

Fernando – Seja muito bem-vinda à nossa humilde casa, senhora presidente!

Alex – Espero não estar a interromper, pois não?

Fernando – De modo nenhum! Convidámo-la para o chá, mas também podemos oferecer-lhe um café. Ou um aperitivo, se preferir.

Maria – Fernando, vai buscar algo para beber.

Alex – Muito amável, mas tenho uma reunião da câmara daqui a uma hora. Se chegar lá com um copito ou dois a mais...

Maria – Por favor, sente-se. Certamente tem cinco minutos, pelo menos.

Sentam-se.

Alex – Há muito tempo que queria conhecê-los melhor. Cruzamo-nos no mercado, sobretudo durante as eleições, mas nunca chegámos a conversar. Disseram-me que fabricam cachimbos.

Maria – Sim, bem, principalmente o meu marido.

Fernando – Os Branco fabricam cachimbos de pais para filhos desde 1824.

Alex – Uma tradição de família, portanto.

Maria – Daí o nosso lema: «A Casa dos Cachimbos: com os Branco, há sempre fumo branco!»

Alex – Muito bem pensado... E o meu filho Gonçalo está cá, não está?

Maria – Sim, está com a minha filha. Acho que estão a jogar Scrabble...

Fernando – O Gonçalo estudou Gestão, não foi?

Alex – Gostava tanto que tivesse seguido a vida religiosa... Quando tinha treze ou catorze anos, falava em ser padre. Era muito próximo do nosso pároco, até aquele santo homem ser transferido inesperadamente para outra paróquia por ordem do bispado.

Fernando – Às vezes, começa-se por querer abraçar o sacerdócio e acaba-se apenas por abraçar o padre...

Maria lança um olhar fulminante a Fernando.

Maria – De qualquer modo, estamos encantados por o Gonçalo se dar tão bem com a Clara.

Alex – Sim, eu também. Sobretudo porque ele não costuma relacionar-se muito com raparigas... Às vezes, perguntamo-nos se não será um pouco...

Maria – Tímido. Foi a impressão que me deu. Quando chegou, confundi-o com o canalizador e nem teve coragem de me corrigir.

Fernando – Já agora, parabéns pelo boulevard, senhora presidente. Nunca tínhamos tido nenhum aqui na vila.

Alex – É verdade, era uma lacuna importante. Um boulevard é o que distingue uma aldeia grande de uma cidade pequena.

Fernando – E, como vai ocupar um bocadinho do nosso jardim, imagino que passe a ser a nossa nova morada.

Maria – Pois é! Estou curiosa por saber qual será essa morada tão distinta. Já decidiram como se vai chamar o boulevard?

Alex – Bem... O meu adjunto sugeriu «Boulevard Alexandra da Serra».

Maria – Ah, sim. Tem um bom som para nome de boulevard, não acham?

Fernando – Ter um boulevard com o seu nome, e ainda em vida... Eu já me contentava com uma rua.

Maria – Ou até um beco: «Beco Fernando Branco». Também não soa mal.

Alex – Estamos em plena campanha. Se ajudassem a financiar a nossa candidatura, quem sabe? Talvez pudéssemos dar o vosso nome a um beco sem saída. Por serviços prestados à comunidade.

Fernando – Faria mesmo isso?

Alex – Depende do valor do cheque, evidentemente. Uma travessa? Uma ruela?

Fernando – Não sabia que estavam a construir novas ruas em Vila Nova do Rio.

Alex – Podemos sempre mudar o nome a uma rua pequena, dedicada a algum herói de quem já ninguém se lembra. Temos de acompanhar os tempos, não acha?

Fernando – E quanto custaria uma praceta?

Alex – Meu Deus...

Toca o telemóvel de Fernando.

Fernando – Desculpem. Estou? Sim, é A Casa dos Cachimbos. Sou eu...

Fernando sai.

Maria – Não sei se devia falar-lhe disto agora, mas receio que o meu marido esteja prestes a cometer uma grande asneira.

Alex – Se estão com dificuldades financeiras, por menos de dez mil euros posso arranjar-lhe uma medalha por serviços prestados.

Maria – Ah, não falo disso. Infelizmente, é muito mais grave...

Alex – Está a traí-la?

Maria – Suspeito que ele tem um caso com a urologista. Mas não é esse o problema que mais me preocupa.

Alex – Não sei se quero ouvir o resto... Não prefere confessar-se? Os padres adoram ouvir histórias picantes.

Maria – O Fernando quer vender A Casa dos Cachimbos por uma ninharia!

Alex – A sério?

Maria – Até me pergunto se não haverá investidores estrangeiros por trás disto. Compram tudo: fábricas, aeroportos, vinhas... Mas não vão ficar com a nossa tradição artesanal: A Casa dos Cachimbos!

Alex – Esse apego à terra honra-a, Maria. Mas que podemos fazer?

Maria – Não sei... Avisar a polícia? Pedir que o declarem incapaz de gerir os próprios bens? Fez um testamento a meu favor, mas, se muda de ideias...

Alex – Uma declaração de incapacidade não se consegue assim tão facilmente.

Maria – É verdade que tornar-me viúva seria bem mais simples... Não podia mandar alguém tratar do meu marido por razões de Estado? Estamos a falar de um património industrial histórico!

Alex – Falarei com o chefe da polícia local. Prometo.

Maria – Obrigada, senhora presidente.

Alex *(reparando no busto)* – Que curioso... Que estátua é esta? Parece que nos segue com os olhos, como a Mona Lisa. É algum antepassado da família?

Maria – A minha sogra...

Alex – A sério? Não é muito habitual ter um busto da sogra em casa, pois não?

Maria – Pois não... Mas eu também gostava muito de ter um do meu marido.

Fernando regressa.

Alex – Ah, estávamos precisamente a falar de si. A sua mulher diz-me que quer deixar a atividade. Seria uma perda enorme para a vila. Os vossos cachimbos têm fama e dão prestígio à nossa comunidade.

Fernando – Infelizmente, os negócios já não são o que eram.

Alex – Já encontrou um comprador?

Fernando – Ainda não. As fábricas artesanais de cachimbos não interessam muito aos grandes fundos de investimento.

Alex – Mesmo investindo em novas tecnologias, seria difícil vender uma fábrica de cachimbos como se fosse uma empresa tecnológica.

Fernando – Hoje em dia, os cachimbos vendem-se cada vez menos. Tudo o que tenha a ver com tabaco está malvisto. Se tem alguma ideia para aumentar as vendas...

Alex – E um cigarro eletrónico com a forma de um cachimbo?

Maria – Isso sim é uma ideia! Não achas, Fernando?

Alex – Bem, tenho mesmo de ir...

Fernando – Já? Queria mostrar-lhe a minha coleção privada.

Alex – Uma coleção de quadros?

Fernando – A minha coleção de cachimbos!

Alex – A sua coleção de cachimbos fica para outra ocasião. Não posso fazer esperar os vereadores. Mas pense na minha proposta.

Maria – Acompanhamos a senhora até à porta...

Os três saem. Gonçalo e Clara regressam.

Clara – E agora, o que vais fazer com o mestrado em Gestão? Trabalhar para o grande capital?

Gonçalo – Não. Decidi finalmente aceitar-me como sou.

Clara – Vais sair do armário?

Gonçalo – Vou inscrever-me numa escola de teatro.

Clara – Essa é que eu não esperava!

Gonçalo – Pergunto-me como é que a minha mãe vai reagir.

Clara – Como reagiu quando lhe disseste que eras vegano?

Gonçalo – Ainda não tive coragem de lhe contar.

Clara – Seja como for, convenceste-me. Nunca mais como carne.

Gonçalo – Os matadouros são campos de extermínio criados por uma humanidade convencida da sua superioridade. Os carnívoros são os nazis de hoje!

Clara – Tens razão...

Gonçalo – Se te interessar, faço parte de um grupo que organiza ações contra quem maltrata os animais.

Clara – Ações violentas?

Gonçalo – A violência é a que esses nazis exercem sobre os nossos amigos animais.

Clara – Vou pensar nisso... Mas tenho uma visão mais abrangente dos problemas do mundo. Estou na Frente Nacional de Esquerda.

Gonçalo – Os vitelos e as galinhas precisam de nós, Clara.

Clara – E os trabalhadores também, Gonçalo. São ovelhas que obedecem aos cães, com medo de serem devoradas pelos lobos.

Gonçalo – Se o homem quer deixar de ser um lobo para o homem, terá primeiro de deixar de exercer violência sobre os animais.

Clara – Hitler era vegetariano. Isso não me inspira grande confiança.

Fernando regressa com Maria.

Maria – Gonçalo! A sua mãe esteve cá há pouco. Não me diga que também já se vai embora!

Gonçalo – Voltarei, minha senhora... Nem que seja para a desforra.

Fernando – A desforra?

Gonçalo – A sua filha ganhou-me no Scrabble. É muito boa, sabia?

Maria – Fique para almoçar connosco. Depois podem falar de negócios, entre homens. Enquanto fumam um bom charro... Perdão, um bom charuto.

Fernando – Ou melhor ainda, um bom cachimbo.

Maria – O Gonçalo estudou Gestão, e o Fernando precisa de ideias novas para dar um futuro à Casa dos Cachimbos.

Gonçalo – É muita amabilidade sua, mas não queria incomodar.

Maria – Não incomoda nada! Às quintas-feiras não fazemos cerimónia: é a folga da empregada. Por isso, às quintas, comemos sempre carne fria.

Gonçalo lança um olhar significativo a Clara.

Gonçalo – Talvez noutra ocasião.

Maria – Desculpe, já não me lembrava de que é vegano. Posso arranjar-lhe outra coisa.

Gonçalo – Não se incomode por mim.

Maria – Uma salada, então? Come salada, não come?

Clara – Mãe...

Fernando – Pelo menos divertiram-se?

Clara – Estivemos a conversar. O Gonçalo convenceu-me a tornar-me vegana. Tem uma teoria muito interessante: basicamente, acha que os carnívoros são todos nazis.

Maria – Pois... Interessante.

Clara – Acompanho-te, Gonçalo...

Gonçalo e Clara saem.

Fernando – Pergunto-me se esse rapaz é uma boa influência para a nossa filha, afinal.

Maria – Preferias o Karim?

Fernando – Não, claro que não. Aliás, há muito tempo que não o vemos, não é?

Maria – E não voltas a vê-lo, podes crer... Sabias que a Clara aderiu à Frente Nacional de Esquerda?

Fernando – Não te preocupes. Isso passa-lhe... Todos queremos mudar o mundo quando temos vinte anos.

Maria – Eu não. Sonhava ser eleita rainha da beleza.

Fernando – Ao menos chegaste a Miss Vila Nova do Rio.

Maria – Estás mesmo decidido a fechar a fábrica?

Fernando – Até mandei pôr um anúncio no jornal a anunciar a liquidação, enquanto não aparece comprador. *(Entrega-lhe o jornal.)* Lê lá.

Maria *(lendo)* – «A Casa dos Carinhos. Liquidação total antes da mudança de gerência. Atendimento discreto e personalizado. Satisfação garantida. Aberto até tarde.»

Fernando – «A Casa dos Carinhos»? *(Tira-lhe o jornal.)* Mas eu mandei publicar «A Casa dos Cachimbos»! Que trapalhada fizeram no jornal? Até inventaram o resto do anúncio!

Maria – Ou então o jornal percebeu melhor do que tu o que andavas a vender...

Fernando – Não vejo outra maneira de evitar a falência. Já não tenho vinte anos...

Maria – Mas se a Clara casasse com o Gonçalo... Ele estudou Gestão numa boa universidade. Deve estar à procura de trabalho e talvez tivesse ideias para relançar... a Casa dos Carinhos.

Fernando – Achas?

Maria – Porque é que achas que ando a organizar este casamento?

Fernando – Mas ainda não há casamento nenhum, pois não?

Maria – Não sei porquê, mas sinto que este casamento será um sucesso.

Fernando – A intuição feminina, suponho... Bem, vou procurar onde pendurar aquele quadro.

Fernando sai. Maria fica frente a frente com o busto da sogra.

Maria – Não precisas de me olhar assim!

Coloca um lenço sobre o busto. Clara regressa.

Maria – Então, querida, como foi?

Clara – O quê?

Maria – Com o Gonçalo! É muito bem-educado, não é? E tem bom aspeto.

Clara – Sim... Mas é gay.

Maria – Gay? Mas queres dizer que...?

Clara – Mãe, ele é homossexual.

Maria – Como assim, homossexual?

Clara – Homossexual, mãe! Ele gosta de rapazes. Não há muitas maneiras de o explicar!

Maria – Não te precipites. Compreendo que estejas desiludida, mas ninguém é perfeito. Se gosta mais de rapazes, isso não quer dizer que não goste de raparigas, pois não?

Clara lança à mãe um olhar que deixa claro que não há esperança e sai.

Maria – Ai, meu Deus... O filho da presidente da câmara... Homossexual...

Toca a campainha. Maria vai abrir e regressa com Colomo.

Maria – Inspetor Colombo! Não esperava voltar a vê-lo tão cedo. Ainda nem sabemos ao certo se este busto é da minha sogra.

Colomo – Infelizmente, minha senhora, as análises são conclusivas. Trata-se da sua sogra. Parece que esta notícia a afeta muito...

Maria – Não, não é isso... Ainda estou em choque. O rapaz que escolhi para a minha filha é homossexual, imagine! *(O telemóvel emite um sinal.)* Desculpe. *(Consulta o telemóvel.)* Não param de perguntar pela morada da Casa dos Carinhos. Agora é o treinador de uma equipa de futebol que quer oferecer um a cada jogador, se ganharem o campeonato!

Colomo – Parece que o negócio está a prosperar.

Maria – Oxalá, inspetor! Ultimamente, tirando algumas mulheres que compravam um para oferecer ao marido no Natal... *(Toca a campainha.)* Desculpe-me mais um instante.

Maria sai. Colomo olha para o jornal.

Colomo *(lendo)* – «A Casa dos Carinhos»... Com «atendimento discreto» e «satisfação garantida»... Não admira que o telefone não pare de tocar.

Alexandra entra furiosa, seguida por Maria.

Alex – É um escândalo! Como se atreveram? E o seu marido que ainda há pouco falava em financiar a minha campanha!

Fernando entra.

Fernando – Senhora Presidente? O que aconteceu? Parece zangada...

Alex – Acabo de saber que a sua filha vai concorrer contra mim nas eleições! É isso que aconteceu!

Maria – A Clara? Impossível! Deve haver um engano!

Alexandra põe um panfleto à frente do rosto de Maria.

Alex – Aqui, leia... Clara Branco, é ou não é a sua filha?

Colomo – Depois de morrerem os quatro primeiros candidatos da oposição — Djamel, Kevin, Carlos e Karim —, ela passou a encabeçar a lista!

Maria – Ai, meu Deus, se eu soubesse...

Colomo *(lendo)* – «Contra as manobras da atual presidente da câmara, Alexandra da Serra, vote na Frente Nacional de Esquerda, Anticapitalista, Ecologista e Vegana!» É um programa bem abrangente...

Maria – Mas isto é impossível! Proibimos expressamente a Clara de se meter na política. Não percebo nada, juro!

Alex – E pensar que esta mesma manhã ainda conspiravam para casar a sua filha com o meu filho Gonçalo...

Maria – Mas estas acusações são absolutamente ridículas, não são, Inspetor?

Colomo continua a ler o panfleto.

Colomo – Segundo a candidata da oposição, o Boulevard da Serra não leva a lado nenhum...

Alex – A oposição? Nunca ninguém ousou opor-se à dinastia municipal dos da Serra. Isto não é oposição, é uma revolta!

Fernando – A julgar pelo número de candidatos da oposição que têm morrido, não parece prudente fazer-lhe frente, minha senhora...

Alex – Está a acusar-me de homicídio? Isto é calúnia, inspetor! Uma manobra vil para manchar o meu nome e o da minha família!

Colomo – Aliás, o boulevard termina no rio, num sítio onde nem sequer existe uma ponte.

Alex – E então? Desde quando é que um boulevard tem de levar a algum lado?

Colomo – Tem toda a razão, senhora presidente. E uma obra de arte, tem de servir para alguma coisa? Claro que não! É isso que a torna grandiosa!

Alex – Tirou-me as palavras da boca, inspetor Colombo.

Colomo – Não se preocupe. Abriremos uma investigação de pura formalidade, para sossegar a oposição, e fechamos o assunto num instante. Se todos os boulevards tivessem de levar a algum lado, onde iríamos parar?

Alex – Confio plenamente na justiça. E sobretudo na polícia desta vila!

Fernando – Seja como for, um boulevard que acaba num rio não faz sentido... E agora que penso nisso, esse rio nem sequer tem nome.

Alex – Perdão?

Fernando – O rio de Vila Nova do Rio! Não tem nome. Se tivesse, a nossa vila chamar-se-ia Vila Nova do... e não sei quê.

Maria – É verdade. E ninguém sabe sequer para onde vai esse rio.

Alex – Agora vão dizer-me que o rio também não leva a lado nenhum?

Colomo – Já ouvi falar de um rio sem retorno. Mas de um rio sem saída...

Maria – Nunca ninguém descobriu a que rio maior vai dar este. Se calhar, o rio que atravessa a vila não passa de um canal...

Fernando – Um canal escavado por algum antepassado da senhora da Serra para dar um ar respeitável a uma terra esquecida por todos...

Alex – Mas diga alguma coisa, Inspetor!

Colomo – Este caso está a complicar-se. Pergunto-me se não estaremos perante uma conspiração.

Alex – Uma conspiração para me derrubar, evidentemente! Para impedir mais uma vitória eleitoral dos da Serra! Um boulevard sem saída... É absurdo!

Colomo – Quanto a boulevards sem saída, senhora presidente, tenho a impressão de que esta própria comédia não leva a lado nenhum. Conhece o autor?

Alex – Para dizer a verdade, não...

Colomo – Vou investigar também isso. Não podemos deixar um lunático destes à solta. Mas, para tentar dar novo fôlego a esta história que já começa a arrastar-se, sugiro que veja esta notícia.

Alex olha para o jornal que Colomo lhe entrega.

Alex – «A Casa dos Carinhos»...? O quê? Uma casa de alterne aqui na vila?

Colomo – É verdade que era precisamente o que faltava à nossa vila para se tornar uma cidade pequena.

Alex – E vocês, seus chulos? Que têm a dizer sobre isto?

Maria – É mais um mistério que não consigo explicar, Alex...

Alex – Trate-me por senhora presidente da câmara! Não quero ter nada a ver com um casal de proxenetas. Uma casa de alterne! E ainda por cima no Boulevard da Serra!

Maria – Lamento muito... Deve ser um mal-entendido...

Alex – Vão ouvir falar de mim, podem ter a certeza! E quanto às vossas manobras para casar o meu filho com a vossa filha rebelde... Enquanto eu viver, nunca um da Serra casará com uma Branco! Ainda por cima, uma esquerdista!

Fernando – Acompanho-a até à porta, minha querida senhora.

Alex sai, seguida por Fernando.

Colomo – Os pretendentes da sua filha morrem uns atrás dos outros em circunstâncias suspeitas, a sua sogra reaparece dentro de um bloco de betão... Passam-se coisas muito estranhas nesta vila, não acha?

Maria – Não dou por nada, inspetor... Estranhas em comparação com quê?

Colomo – Encontrámos as suas impressões digitais na cena do crime.

Maria – As minhas impressões digitais? No cabo da chave de fendas? Mas tive tanto cuidado a limpá-lo, como fazem os culpados nos filmes policiais!

Colomo – Não na chave de fendas. *(Mostra-lhe uma fotografia.)* Estas marcas no betão, que ainda estava fresco. A marca da sua mão inteira!

Maria – Vai prender-me, Inspetor?

Colomo – Não se preocupe. Conheço demasiado bem a prisão: já lá estive. Não seria capaz de lhe infligir essa experiência.

Maria – É um verdadeiro cavalheiro, inspetor. *(Aproxima-se dele, sedutora.)* Como posso agradecer-lhe?

Colomo – Dez mil euros em notas pequenas e usadas, por exemplo.

Maria *(desapontada)* – Está bem...

Colomo – Não é barato. Mas parece ser o preço de uma medalha no mercado negro...

Maria – E, por um pequeno suplemento, podia garantir que o meu marido morria em breve, de causas naturais?

Colomo – Porque não? Faço pequenos serviços fora do horário. Depois dou-lhe um orçamento.

Maria – É sempre mais tranquilizador contratar um profissional.

Colomo – Nem sempre fui polícia. Estou num programa de reinserção.

Maria – Não sabia que recrutavam ex-presidiários na polícia.

Colomo – Na polícia local não são assim tão exigentes. Espero que não se importe...

Maria – Depende. O que fez para ir parar à prisão?

Colomo – Era canalizador...

Maria – Por mim, isso já dava prisão. Mas, nesse caso, tenho outro pequeno favor a pedir-lhe. *(Em voz alta.)* Fernando! Vai buscar as ferramentas!

Maria sai com Colomo. Clara volta com Gonçalo.

Gonçalo – Parece que o nosso casamento está mesmo condenado. Desde que a minha mãe soube que te candidatas contra ela, acha que os Branco e os da Serra são piores inimigos do que os Capuletos e os Montecchios.

Clara – Vejo que o Romeu e Julieta ainda te faz sonhar... Contaste à tua mãe que queres fazer teatro?

Gonçalo – Sim.

Clara – E o que disse?

Gonçalo – Que preferia que eu fosse homossexual.

Clara – Então ainda há esperança.

Gonçalo – Pergunto-me como vai acabar esta comédia.

Clara – Sim, eu também.

Gonçalo – Podíamos perguntar ao autor.

Clara – Duvido que ele tenha tido coragem de vir assistir à própria peça.

Gonçalo – É melhor irmos embora. Com sorte, o público percebe que a peça acabou.

Clara – Eu bem disse. Este boulevard não tem saída...

Saem.

Música final.

Escuro.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Espera, borboleta!
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Dezembro de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-297-5

Documento para download gratuito